

O SÃO PAULO

Ano XXXIV 1.763

8 de fevereiro de 1990

INCZ\$ 6,00

Direitos Humanos entrega prêmio a seus defensores



Nilton Ouseiroz

Dois índios Yanomami recebem de Fernando Marques, da OAB paulista, o 2º Prêmio de Direitos Humanos.

Na última segunda-feira, 5, cerca de 1.200 pessoas, além de autoridades e personalidades civis, foram até o Anhembi participar da entrega do 2º Prêmio de Direitos Humanos, em uma solenidade de compromisso social.

Neste ano, a homenagem recaiu sobre os índios Yanomami, os sindicalistas de Volta Redonda, a líder rural Cidinha de Unai, a deputada federal Benedita da Silva e o bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga.

Páginas 6 e 7

Dom Aldo critica Saulo

O bispo de Roraima, dom Aldo Mongiano, em entrevista a O SÃO PAULO, acusa o ministro da Justiça, Saulo Ramos, de desrespeitar a vida dos Yanomami no episódio com garimpeiros.

Página 8

Índios têm embaixada

Os povos da floresta já têm sua embaixada. Ela foi inaugurada em São Paulo com objetivo de garantir o intercâmbio sócio-cultural entre a civilização e o mundo dos índios.

Página 5

Dom Erwin é agredido

O bispo do Xingu e presidente do Cimi, dom Erwin Krautler, foi agredido em sua casa no último dia 27 e recebeu ameaças de morte. Em Altamira, a violência aumenta.

Página 8

Prêmio Nacional de Direitos Humanos

Pedro, Cida, Benê, Taxaú, Marcelo... Eles receberam o prêmio em nome do povo.

Cidinha de Unai



Foto: Nilton Queiroz

Maria Aparecida Rodrigues de Miranda, a Cidinha de Unai, cidade do Noroeste de Minas Gerais, onde a temperatura ambiental e política sempre está em alta, já tem, em seus 27 anos de vida, muita história para contar. "Mulher de luta", como ela mesma se define, vem sendo sistematicamente ameaçada de morte pelos fazendeiros da região. Seu pai, Júlio Rodrigues de Miranda, foi assassinado com um tiro no peito, a 6 de outubro de 1985, no mesmo instante em que sua mãe, Cipriana da Cruz Rodrigues, era baleada, conseguindo recuperar-se e sobreviver. "Queriam me atingir. As balas eram para me matar", comenta, cabeça erguida. Pequena, morena, bonita, solteira, Cidinha atualmente mora em Belo Horizonte, obrigada a se transferir de Unai a fim de preservar sua vida. É membro da CUT, ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Unai, "no tempo da ditadura brava, quando fizemos uma ocupação e conseguimos a desapropriação", mas

"A mulher deve estar na luta de 23 milhões de trabalhadores rurais"
hoje ainda pertence ao sindicato. Quer ver preso o assassino de seu pai. "Foi o fazendeiro Boaventura José de Magalhães quem matou meu pai e baleou minha mãe. Ele foi julgado e absolvido. No agradecimento, pediu às mulheres a "deixarem a vida restrita à casa; ao marido, aos filhos. Isto interessa aos que dominam. A mulher deve estar na briga, ao lado do companheiro, participando da história de luta dos 23 milhões de trabalhadores rurais de todo o país". Ofereceu seu prêmio ao pai e a "todos os trabalhadores mortos pela carabina do latifúndio, do empresário urbano, pela fome. Receber o prêmio é renovar o compromisso em busca dos direitos humanos". Cidinha tem apenas 4 anos de idade. "Sei que tenho de estudar mais. Meus sete irmãos também [não] podem estudar, obrigados a trabalhar cedo.

Benedita da Silva



O slogan de sua campanha à Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, em 82, repetido nas eleições de 86, quando candidata a deputada federal, ficou nacionalmente conhecido: "Mulher, negra e favelada". Apesar de passar grande parte do seu tempo em Brasília, Benedita da Silva, do PT, mantém sua casa no Morro do Leme, Rio de Janeiro. Pertence à Assembléia de Deus, tem 46 anos e quando abre seu sorriso, com grandes dentes brancos, é sinal de que frases bem articuladas e sinceras em defesa do povo pobre vêm em seguida. Alta, sapatos vermelhos, com um vestido preto de listras brancas, Benedita da Silva chegou a ser citada como possível candidata a vice-presidente da República, na chapa da Frente Brasil Popular. "Ganhar este prêmio significa ter, na razão, no coração, um verdadeiro desejo de mudança. As mudanças radicais que tanto queremos. Não basta apenas o poder. O poder pelo

poder. Mas cercado deste desejo, sincero: transformar o nosso país". A deputada federal fez questão de frisar, em todo seu poético discurso, ser o prêmio destinado aos negros de todo o mundo. Nelson Mandela, próximo de ser libertado, foi aclamado. "O prêmio vai para as mulheres negras que pariram seus negros, perseguidos, marginalizados. Hoje, despossuídos, caídos e abandonados. Lutar pelos direitos humanos é lutar pelo ventre livre, pela lei dos sexagenários. Tenho de lutar porque não tenho a 'boa aparência' pedida pelos que são empregadores". Defendeu os inúmeros "Nelsons Mandelas" espalhados pelo Brasil. "Eles estão abarrotando as cadeias, os guetos, as marquises, nossas ruas". Chamou os negros à união, à resistência, à determinação constante pela liberdade, pelo reconhecimento, pela igualdade de direitos. "Quis, não sei se o destino ou a razão, que hoje seja eu aqui, ganhando este prêmio. Mas quem na verdade vai levá-lo para casa é o povo negro".

Nação Yanomami

Os dois índios Yanomami, Mário Tuxaua e Cláudio Tuxaua, ambos da tribo Pakutheri, estavam assustados com o tanto barulho. Sem dizer uma só palavra em português, foram traduzidos pelo padre italiano João Saffirio, 50 anos, há 22 entre os Yanomami. São do rio Catrimani. Mário nunca havia estado em São Paulo, e ficou surpreso quando o carro que os conduzia ao Anhembi passou em um túnel. Exclamou: "É o buraco do tatu". Cláudio esteve em São Paulo em 83. Mordido por uma jararaca, sem socorro, perdeu a

parte inferior da perna esquerda, sendo obrigado a colocar uma prótese. Estava de calça comprida. Mário vestia um calção vermelho. Ambos sem camisa, ornamentados com plumas características de seus grupos. Em um rápido discurso, não agradeceram formalmente o prêmio. Segundo padre João, "por não existir a palavra 'obrigado' na língua Yanomami". E completou: "Como ele poderia agradecer algo que não fizemos por eles?" Falando rapidamente em sua língua de origem, Mário, tradu-

zido a cada grupo de frases, condenou a invasão dos garimpeiros e dos "estrangeiros" em seu território. "Estou preocupado com minha mulher e meus filhos que ficaram em minha aldeia. Sempre aplaudido e cercado de um respeito que chegava à reverência, os índios defenderam as matas: "Os garimpeiros cortam as matas. E aí tudo pode ficar quente como aqui. Não queremos a terra quente. Eles poluem os rios, trazem a morte. Um filho meu morreu com um tiro, ninguém sabe de onde, de quem. E outro morreu de malária. Não quero que outros filhos dos índios morram. Se eles continuarem lá muita gente vai morrer". Padre João Saffirio, a O SÃO PAULO, condenou a "verdadeira máfia do ouro instalada em Roraima. Máfia, em sua definição, é um governo dentro de outro. Toda a operação envolvendo os Yanomami estava com as cartas marcadas. Não há vontade política em definir a situação indígena. Os oficiais do Exército de Roraima têm balsa para o transporte de garimpeiros. A Polícia Militar está envolvida. Nada posso afirmar sobre a Polícia Federal".



"Os garimpeiros cortam as matas. E aí tudo pode ficar quente"

Metalúrgicos da CSN

São 32 mil metalúrgicos sindicalizados, dos quais 22.500 trabalham na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e na Fábrica de Estruturas Metálicas, subsidiária da CSN. Fundada há 46 anos, o Sindicato promoveu sua primeira greve na CSN em 84, sofrendo forte pressão do governo federal. "Nossa intenção não era derrubar o Figueiredo, mas sabemos que contribuímos para isto", frisou Marcelo Felício, secretário geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, a quem foi destinado um dos cinco prêmios. Os nomes de William, Valmir e Barroso, os três operários mortos pelo Exército na greve de novembro de 88, foram constantemente citados, ao lado de Juarez Antunes, ex-presidente do sindicato e ex-prefeito de Volta Redonda. "Nossa luta imediata agora é contra o plano de privatização que o futuro presidente vai querer implantar. Irá falar em distribuir 10% de ações aos trabalhadores, na tentativa de nos enganar. Irá dizer que estamos radicalizando, e que não queremos ajudar a administrar as empresas. Mas como administrar uma

empresa, em um sistema capitalista, sem termos o poder?", disse Marcelo, em nome dos quatro metalúrgicos que vieram a São Paulo. Waldemiro de Souza Coelho, Afonso José Ruela da Silva e Getúlio Idelfonso, os outros três, concordavam com o discurso de Marcelo. Waldemiro, a O SÃO PAULO, comentou: "A luta será intransigentemente dura, contra os grandes, os patrões. Já iniciamos encontros com diretores de sindicatos de estatais do Brasil inteiro, a fim de iniciarmos a mobilização contra a pri-

vatização. Nosso objetivo é unificar a luta, não só entre os sindicatos, mas envolvendo a comunidade". Suado, gestos largos, Marcelo terminou seu discurso de agradecimento prometendo mais resistência, esforço revitalizado: "Não vamos resistir por nós, mas pelo Brasil, pelo povo brasileiro. Não vamos aturar falta de vergonha e desrespeito. Nosso futuro, apesar dos erros e acertos, é próximo e lindo, e nosso povo também. Prometemos a vocês apenas isto: nossa resistência".



"Lutaremos contra o plano de privatização do novo presidente"

Dom Pedro Casaldáliga

Impedido de comparecer à entrega do prêmio por "compromissos pastorais", o bispo de São Félix do Araguaia foi representado pelo padre Paulo Santos Gonçalves e pela irmã Irene Francisquini, ambos da Prelazia. Padre Paulo leu a mensagem enviada pelo bispo, que entre outras coisas diz que "bispo sozinho não é ninguém". A íntegra da carta de dom Pedro é esta: "É normal convocar para certos encontros de maior representatividade o que se costumava chamar de 'forças vivas'. Vocês, contrariando também nisso as boas maneiras da sociedade, convocaram as 'forças mortas', ou matadas, ou que se pretende matar: os povos indígenas, o povo negro, a mulher marginalizada, o trabalhador rural, o operário da cidade, a Igreja dos pobres e os filhos ou companheiros dos mártires. Também nisto todos vocês, membros do Movimento Nacional de Defesa dos Direitos Humanos, estão se mostrando partidários da fracassada utopia vitoriosa do Deus, daquele crucificado que já venceu a morte e

é a humanidade nova em pessoa e em plenitude. Eu, bispo, agradeço o gesto da premiação assim coletiva dessa coitada turma dos perseguidos e discriminados por causa da justiça, nas lutas da libertação, na procura teimosa do Reino. Coletividade somos. Somos um povo inteiro, uma só caminhada, a marcha global dos sonhadores livres. Acho até oportuno que seja um agente de pastoral da igreja de São Félix, e não o bispo fisicamente, que recebe o prêmio, para que melhor se entenda que o bispo sozinho não é ninguém. É uma Igreja toda - a de São Félix, no caso - e toda aquela Igreja, que no Brasil, na pátria grande, no mundo, tenta proclamar e implantar os direitos humanos, que são também divinos para quantos acreditamos que a pessoa humana - mulher e homem - é imagem viva do Deus Vivo. A Carta de Princípios do MNDDH, promulgada em Olinda, definiu a caminhada pelos direitos humanos como "a própria luta do nosso povo oprimido, através de um processo histórico



"Somos um povo inteiro, a marcha global dos sonhadores livres"

que se inicia durante a colonização e que continua hoje, na busca de uma sociedade justa, livre, igualitária, culturalmente diferenciada e sem classes. Essa luta do povo oprimido do Brasil - indígena, negro, mestiço, crioulo, pobre - comunga com a luta semelhante de todos os outros povos irmãos do Continente. E, nesta véspera do quinto centenário de um 'descobrimto' que não o foi e de uma 'evangelização' que muitas vezes deixou de sê-lo, a luta comum pela libertação de todo o Continente

e contra o mundo dividido em primeiro e segundo e terceiro, em ordem a um mundo fraternamente uno, torna-se mais urgente, mais lúcida, mais apaixonadamente nossa. Podemos acrescentar, todavia, que a caminhada pelos direitos humanos se inicia bem mais longe, na mesma alvorada da humanidade. E prosseguirá, incansável, contestada, invencível, até a sua plenitude na manhã do amanhã de Deus. Os direitos humanos são a própria dignidade humana, a vida humana em últi-

ma instância. Dentro de um universo humanizadamente querido. São os direitos individuais de cada pessoa - mulher ou homem, criança ou adulto, íntegra ou deficiente - mas são também os direitos inalienáveis dos grupos étnicos e culturais, os direitos autonômicos dos povos tão escandalosamente ignorados ou destruídos pela supertécnica, mercantilista e mercenária civilização deste final do século 20. Os direitos humanos individuais das democracias e geopolíticas que conhecemos em demasia facilmente ficam em um humanismo liberalóide e privado. Existe já o direito dos povos? Os Estados Unidos invadem impunemente o Panamá ou tentam proibir a nova Nicarágua ou financiam massacres permanentes em El Salvador. E a sociedade internacional limita-se a um protesto diplomático de um dia (Estou falando do lado de cá da perestroika, que do lado de cá ainda não chegou!). O FMI e os outros deuses colegas continuam a sustentar oficialmente a maior guerra que a história humana já viu - a dívida

externa assassina de milhões e milhões de seres humanos - e a humanidade civilizada cala, consente, cobra, mata também. Irmãos, irmãos, companheiros de luta e de esperança: obrigado pelo prêmio. Mas sobretudo pela caminhada que todos vocês fazem e que nós tentamos, com vocês seguir. Ser premiado com este tipo de premiação só pode significar um novo compromisso nesta causa comum. Tentaremos responder à sua confiança fraterna. O que os amigos acham que somos obriga a gente a sonhar e a ser. Sabemos muito bem, todos nós, o quanto estão longe do ideal divino os direitos humanos neste nosso mundo dilacerado. Na escultura de Elifas Andreato e na trágica realidade do Brasil, da América, do mundo, a maior parte da humanidade está ainda algemada, proibida, de joelhos. Não nos faltem a fidelidade nem a coragem nem a união. Não nos faltará a força d'Aquele que, por solidariedade total, perdeu até a figura humana e é hoje o glorioso vencedor da injustiça e da morte."